



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**Mestrado Integrado em Teologia (1.º grau canónico)**

**CONSTANTINO ANTÓNIO EPALANGA HATENDE**

**A identidade de Jesus à luz de Jo 5,1-9**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professor Doutor Bernardo Corrêa d`Almeida

**Porto**  
**2017**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**CONSTANTINO ANTÓNIO EPALANGA HATENDE**

**A identidade de Jesus à luz de Jo 5,1-9**

**Dissertação Final**  
**sob orientação de:**  
**Professor Doutor Bernardo Corrêa d`Almeida**

**Porto**  
**2017**

## **Resumo**

O texto Joanino 5,1-9 mostra através do paralítico que o “mundo” precisa de reconhecer Jesus como o enviado do Pai, aquele que veio para salvar a humanidade. No testemunho joanino, o mundo é também lugar que tenta resistir à palavra de Jesus e que odeia o Unigénito e aqueles que o seguem (Jo 15,18). O autor diz-nos que o logos veio para os seus e os seus não o reconheceram (Jo 1-11), evidenciando: o acolhimento do Logos como a resposta vital do seu testemunho; o facto de o mundo e de o povo não terem acolhido o Logos (Jo 18,1ss). E no quarto Evangelho vemos Jesus que deseja que todos vivam de Deus manifestando-o como ele é, unidade de vida.

**Palavras-Chave:** Jesus, Testemunho, mundo, unidade, acolhimento, Logos.

## **Abstract**

Through the story of the paralytic, the Joanine text (Jn 5, 1-9) shows that the "world" needs to recognize Jesus as the messenger of the Father, the one who came to save humankind. According to the Johannine witness, the world is also a place that tries to resist the word of Jesus and hates the Only Begotten and those who follow him (Jn 15:18). The author tells us that the Logos came to his own and his own did not recognize him (Jn 1-11), bringing forth two aspects: a) welcoming the Logos as the vital response to his testimony; b) the fact that the world and the people did not accept the Logos (Jn 18: 1ff). In the fourth Gospel, we see Jesus who wants everyone to live from God by manifesting him as he is, unity of life.

Key words: Jesus, testimony, world, unity, welcome, Logos.

## Siglário

<b>Breviação do Livro</b>	<b>Livro Bíblico</b>
<b>Gn</b>	<b>Gênesis</b>
<b>Êx</b>	<b>Êxodo</b>
<b>Lv</b>	<b>Levítico</b>
<b>Nm</b>	<b>Números</b>
<b>Dt</b>	<b>Deuteronômio</b>
<b>Js</b>	<b>Josué</b>
<b>Jz</b>	<b>Juízes</b>
<b>Rt</b>	<b>Rute</b>
<b>1Sm</b>	<b>1º Samuel</b>
<b>2Sm</b>	<b>2º Samuel</b>
<b>1Rs</b>	<b>1º Reis</b>
<b>2Rs</b>	<b>2º Reis</b>
<b>1Cr</b>	<b>1º Crônicas</b>
<b>2Cr</b>	<b>2º Crônicas</b>
<b>Ed</b>	<b>Esdras</b>
<b>Ne</b>	<b>Neemias</b>
<b>Et</b>	<b>Ester</b>
<b>Jó</b>	<b>Jó</b>
<b>Sl</b>	<b>Salmos</b>
<b>Pv</b>	<b>Provérbios</b>
<b>Ec</b>	<b>Eclesiastes</b>
<b>Ct</b>	<b>Cantares ou Cânticos dos Cânticos</b>
<b>Is</b>	<b>Isaías</b>
<b>Jr</b>	<b>Jeremias</b>
<b>Lm</b>	<b>Lamentações de Jeremias</b>
<b>Ez</b>	<b>Ezequiel</b>
<b>Dn</b>	<b>Daniel</b>
<b>Os</b>	<b>Oséias</b>
<b>Jl</b>	<b>Joel</b>
<b>Am</b>	<b>Amós</b>
<b>Ob</b>	<b>Obadias</b>
<b>Jn</b>	<b>Jonas</b>
<b>Mq</b>	<b>Miquéias</b>
<b>Na</b>	<b>Naum</b>

<b>Hc</b>	<b>Habacuque</b>
<b>Sf</b>	<b>Sofonias</b>
<b>Ag</b>	<b>Ageu</b>
<b>Zc</b>	<b>Zacarias</b>
<b>Ml</b>	<b>Malaquias</b>
<b>Novo Testamento</b>	
<b>Abreviação do Livro</b>	<b>Livro Bíblico</b>
<b>Mt</b>	<b>Mateus</b>
<b>Mc</b>	<b>Marcos</b>
<b>Lc</b>	<b>Lucas</b>
<b>Jo</b>	<b>João</b>
<b>At</b>	<b>Atos dos Apóstolos</b>
<b>Rm</b>	<b>Romanos</b>
<b>1Co</b>	<b>1ª Coríntios</b>
<b>2Co</b>	<b>2ª Coríntios</b>
<b>Gl</b>	<b>Gálatas</b>
<b>Ef</b>	<b>Efésios</b>
<b>Fp</b>	<b>Filipenses</b>
<b>Cl</b>	<b>Colossenses</b>
<b>1Ts</b>	<b>1ª Tessalonicenses</b>
<b>2Ts</b>	<b>2ª Tessalonicenses</b>
<b>1Tn</b>	<b>1ª Timóteo</b>
<b>2Tm</b>	<b>2ª Timóteo</b>
<b>Tt</b>	<b>Tito</b>
<b>Fm</b>	<b>Filemom</b>
<b>Hb</b>	<b>Hebreus</b>
<b>Tg</b>	<b>Tiago</b>
<b>1Pe</b>	<b>1ª Pedro</b>
<b>2Pe</b>	<b>2ª Pedro</b>
<b>1Jo</b>	<b>1ª João</b>
<b>2Jo</b>	<b>2ª João</b>
<b>3Jo</b>	<b>3ª João</b>
<b>Jd</b>	<b>Judas</b>
<b>Ap</b>	<b>Apocalipse</b>

## Introdução

Partindo do texto canônico Joanino 5, 1-9 e do seu objetivo que se concretiza na medida que acolhemos a Palavra, e tendo como referências principais os episódios do cego de nascença (Jo 9,1ss), dos samaritanos (Jo 4,42), iremos desenvolver o presente trabalho, focando sempre o “gesto do acolhimento” que é o centro do Evangelho Joanino. Para melhor compreensão dividiremos o trabalho em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, apresentaremos um estudo prévio do texto, mostrando o texto na língua original, isto é, grega, a tradução, contexto imediato, estrutura do texto, a cura do paralítico a luz da obra Joanina, a estrutura basilar do quarto Evangelho e os sete sinais. No segundo capítulo, incidiremos maior atenção na sintática, atendendo particular atenção do léxico (vocabulário) onde veremos o significado do texto e suas partes e como no seu todo, e a seguir destacaremos as formas textuais dominantes. No terceiro capítulo faremos a análise semântica, onde procuraremos expor o comentário ao texto, no seu todo, e nas suas partes. Por último, no quarto capítulo, será apresentado uma análise pragmática, onde veremos a estratégia de João, o encontro de Jesus com um paralítico, situação inicial, e o resultado.

Na conclusão sintetizaremos aquilo que foi o trabalho, e para onde nos aponta o mesmo; certo de que não somos pioneiros na matéria, e aliás longe disso o nosso trabalho. Tudo quanto aqui exposto é fruto do muito que já foi estudado por especialistas, sendo original o nosso modo de exposição do tema.

Vários serão os autores que guiarão o nosso trabalho, no entanto, nos fiaremos mais em Bernardo Corrêa d`Almeida, na sua obra intitulada “*A vida numa palavra: uma nova leitura do Evangelho de S. João*” e Juan Mateos - Barreto Juan “*O Evangelho de São João: grande Comentário Bíblico*”.

Cientes de que o presente trabalho deixa tudo em aberto, para posteriores estudos, citamos certas dificuldades por nós encaradas no decorrer do mesmo, tal é o caso de interpretação de alguns latinos, gregos, obras em língua como o alemão, o inglês por nós não bem dominadas.

Portanto, no geral o objetivo deste trabalho do mestrado integrado em teologia MIT, é o de compreender mais uma vez que Jesus é o enviado do Pai que vem para salvar e, que quanto a nós é importante o acolhimento do filho de Deus.

## Capítulo-I

### 1 – Estudo prévio do texto

Iniciamos o nosso estudo fazendo uma análise prévia do texto em questão para depois nos debruçarmos na sua interpretação propriamente dita. Assim sendo, considerando o episódio da cura do parálítico na piscina de Betesda (Jo 5,1-9), começamos o estudo prévio apresentando o texto na sua versão em grego e, em seguida, apresentamos a sua tradução. Em seguida procuramos enquadrar o referido texto no seu contexto imediato, do qual traçamos a estrutura respectiva, para depois o situar no contexto mais amplo do Evangelho joanino, avistando, finalmente, a estrutura basilar do quarto Evangelho.

#### 1.1-Texto grego

<sup>5</sup> Μετὰ ταῦτα ἦν ἑορτὴ τῶν Ἰουδαίων, καὶ ἀνέβη Ἰησοῦς εἰς Ἱεροσόλυμα. <sup>2</sup> Ἔστιν δὲ ἐν τοῖς Ἱεροσολύμοις ἐπὶ τῇ προβατικῇ κολυμβήθρα, ἡ ἐπιλεγομένη Ἑβραϊστὶ Βηθζαθά, πέντε στοὰς ἔχουσα. <sup>3</sup> ἐν ταύταις κατέκειτο πλῆθος τῶν ἀσθενούντων, τυφλῶν, χωλῶν, ξηρῶν, ἐκδεχομένων τὴν τοῦ ὕδατος κίνησιν. <sup>5</sup> ἦν δὲ τις ἄνθρωπος ἐκεῖ τριάκοντα καὶ ὀκτὼ ἔτη ἔχων ἐν τῇ ἀσθενείᾳ αὐτοῦ. <sup>6</sup> τοῦτον ἰδὼν ὁ Ἰησοῦς κατακείμενον, καὶ γνοὺς ὅτι πολὺν ἤδη χρόνον ἔχει, λέγει αὐτῷ Θέλεις ὑγιῆς γενέσθαι; <sup>7</sup> ἀπεκρίθη αὐτῷ ὁ ἀσθενῶν Κύριε, ἄνθρωπον οὐκ ἔχω, ἵνα ὅταν παραχθῇ τὸ ὕδωρ βάλη με εἰς τὴν κολυμβήθραν· ἐν ᾧ δὲ ἔρχομαι ἐγὼ, ἄλλος πρὸ ἐμοῦ καταβαίνει. <sup>8</sup> λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς Ἔγειρε ἄρον τὸν κράβαττόν σου καὶ περιπάτει. <sup>9</sup> καὶ εὐθέως ἐγένετο ὑγιῆς ὁ ἄνθρωπος, καὶ ἤρην τὸν κράβαττον αὐτοῦ καὶ περιεπάτει. Ἦν δὲ σάββατον ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ.

#### 1.2- Tradução do texto

<sup>5</sup> Depois destas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. <sup>2</sup> Em Jerusalém, junto à Porta das Ovelhas, existe uma piscina, chamada, em hebraico, *Betesda*, que tem cinco pórticos. <sup>3</sup> Nestes, jazia uma multidão de doentes, cegos, coxos, paralíticos.

<sup>5</sup>Estava ali um homem, doente há trinta e oito anos. <sup>6</sup>Jesus, vendo-o prostrado e sabendo que já assim estava há muito tempo, perguntou-lhe: “Queres ficar curado?” <sup>7</sup>O doente respondeu-lhe: “Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina, quando a água é agitada; enquanto eu vou, um outro desce antes de mim.” <sup>8</sup>Jesus disse-lhe: “Levanta-te, toma o teu leito e caminha.”

<sup>9</sup>Imediatamente, o homem ficou curado, pegou no seu leito e começou a andar. Ora, esse dia era sábado.

### **1.3- Contexto imediato**

Olhamos agora o texto no seu contexto imediato. Efetivamente, uma boa interpretação do texto requer necessariamente que o situemos no seu espaço próprio, ou seja, no seu contexto. Com efeito, esse texto tem como pano de fundo a cura de um paralítico no dia de sábado. Depois de Jesus subir a Jerusalém, o Filho de Deus encontra, junto à Porta das Ovelhas, vários doentes, reparando particularmente num homem que estava paralisado há trinta e oito anos. No mesmo episódio é referido ainda que alguns judeus ficaram indignados, pelo facto de Jesus ter realizado a cura desse homem num sábado.

O texto apresenta-nos, por um lado, um importante momento da revelação de Jesus e, por outro, o palpitar de um conflito de alguns líderes judeus contra Jesus, hostilidade que começara já no início do Evangelho joanino (Jo 1,5ss). Efetivamente, lê-se no versículo seguinte ao sinal de Jesus que alguns judeus dizem ao que tinha sido curado: “É sábado, e não te é permitido trazer o teu leito”. Ele respondeu-lhes: “Aquele que me curou disse: Toma o teu leito e caminha” (Jo 5,10-11).

No relato deste episódio, o autor não especifica que festa anual se celebrava, pois como se evidencia no versículo 10, o autor quer destacar o Sábado, o dia da semana em que o povo festeja a ação criadora de Deus, em contexto de aliança (Gn 2, 2; Ex 20,1). É certo que entre as três celebrações da Páscoa surgem ainda no quarto Evangelho referências a mais três festas: a Festa do Sábado (Jo 5,1.9; 9,14; 19,31); a Festa das Tendões (Jo 7,2); e a Festa da Dedicção (Jo 10,22).

Como é habitual no quarto Evangelho, o autor apresenta-nos, nos primeiros versículos do episódio, o ambiente em que a ação se desenrola. Ficamos a perceber que essa ação ocorre em Jerusalém, mais concretamente junto à Porta das Ovelhas, onde se juntavam estes animais para os sacrifícios no templo, perto da piscina de Betesda, sob

os seus cinco pórticos, onde jazia uma multidão de doentes. O texto foca a atenção do leitor no fenómeno relacionado com o agitar das águas da piscina, do qual dependeria a cura dos inúmeros enfermos que ali se encontravam. É no contexto dessa tradição, que Jesus se dirige a um desses enfermos, entrando em diálogo com ele. Do encontro com o paralisado irá resultar a cura do mesmo, a partir das palavras de Jesus, acolhidas por aquele que estivera tantos anos padecendo de sua enfermidade.

Trata-se do terceiro sinal de Jesus, depois de ter começado a sua vida pública. Esta cura passa a constituir o centro da ação, embora aquele que estivera trinta e oito anos paralisado continuasse a desconhecer quem o havia curado. Como acontece noutros sinais realizados por Jesus, a cura do paralisado (Jo 5,6) antecede um discurso, no qual Cristo nos revela o conteúdo vital do sinal realizado. De facto, este gesto de Jesus dá início à grande revelação que se irá desenvolver no capítulo quinto. Na verdade, a cura do paralisado, surge no seguimento da cura de um jovem que estava a ponto de morrer, depois de o seu pai, ao acreditar na palavra de Jesus, ter encontrado o caminho que levou à vida o seu filho (Jo 4,43-54) e, ao mesmo tempo, serve de abertura a um grande ensinamento de Jesus, o que acontece ao longo do capítulo quinto (Jo 5,9ss). Passamos da cura de um filho de um funcionário real, ocorrida na Galileia, para a cura de um judeu, paralisado à entrada de Jerusalém. Se a cura do filho do funcionário real pode ser compreendida como um resumo e anúncio da missão de Jesus, a do paralisado, no início do capítulo quinto, revela o sentido último do Sábado, do Êxodo, das Tendões, da Lei: o absoluto Eu sou de Deus. De assinalar ainda que, no desenrolar da narrativa do quarto Evangelho, a cura do paralisado situa-se também no seguimento do encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4,1-42), onde também se revela a situação do povo, a centralidade de Jesus, e o sábado.

Em síntese o Filho de Deus, além de revelar a situação do povo, quer conduzi-lo da exclusão à comunidade, da prostração ao caminho, da doença à cura, da incapacidade à capacidade, da solidão ao encontro, da dependência à liberdade, da competição à relação, do pecado ao perdão.

#### **1.4- Estrutura do texto**

Tendo olhado o contexto, atendemos agora na estrutura do texto, ou seja, as suas partes e dinâmicas específicas. Conscientes de que alguns autores o dividem em duas

partes, a “primeira entre os versículos 1 e 3 (circunstâncias e situação) e a segunda entre os versículos 5 e 9 (o paralítico que caminha)”<sup>1</sup>, nós optamos por dividi-lo em três partes. Assim sendo, propomos a seguinte dinâmica interna: ambiente da ação (Jo 5,1-3a); desenrolar da ação (Jo5,8); resultado da ação (Jo 5,9a).

#### **1.4.1- Ambiente da ação: João 5,1-3**

A primeira parte do texto coloca-nos no espaço onde decorre a ação. Onde encontramos um lugar, pessoas e a situação que as pessoas se encontram nesse lugar. Esta situação prepara-nos para o ponto seguinte que é o desenrolar da ação.

Estamos situados em Jerusalém, diante de uma situação muito delicada, pois numa das suas portas “jazia uma multidão de doentes”, constituída por cegos, coxos e paralíticos. Esses acreditavam na tradição que já durava há vários anos, segundo a qual pedem ser curados pelo agitar da água

Note-se que, ao contrário do que acontecerá na segunda parte do texto, onde predominamos verbos de ação (Jo 5,3), nesta primeira parte está polarizada pelo verbo “jazer”, que nos remete para uma realidade mais estática, que progressivamente se centra não no conjunto dos enfermos que ali jaziam, mas na pessoa de um doente há trinta e oito anos. Será esta situação que vai chamar a atenção de Jesus, conforme se poderá ver na segunda parte do nosso texto, na qual se desenrolará a ação principal e decisiva.

#### **1.4.2- Desenrolar da ação: João 5,5-8**

Nesta segunda parte do texto, a focalização do narrador desloca-se: a) da pessoa do doente para Jesus; b) e deste para o paralítico “prostrado”. Atenta-se não só na expressão do adjetivo “prostrado”, em consonância semântica com verbo “jazer” (Jo 5,3), mas também no detalhe informativo de que Jesus sabe que o doente que tem diante de si “assim estava há muito tempo” (Jo 5,6). O narrador torna assim mais expressivo o quadro de abatimento com que é caracterizada a situação desesperada daquele homem, antes de passar a focar-se no diálogo entre estas duas personagens, conforme explicamos de seguida.

---

<sup>1</sup>Cf. MATEOS, Juan-Barreto Juan - *O Evangelho de São João: Grande Comentário Bíblico*. Ed, Paulinas, São Paulo,1989, Pág. 245.

A iniciativa deste diálogo pertence a Jesus, que com a sua pergunta ao doente “Queres ficar curado?” (Jo 5,6) inicia um processo de mudança daquela situação de fragilidade, que o versículo sétimo tornará ainda mais esclarecedora. De facto, nesse versículo (Jo 5,7) é referido que o paralisado vê poucas possibilidades na sua esperança de cura, ao responder a Jesus que a sua paralisia o impede de descer à piscina, quando a água é agitada (Jo 5,7). Por essa razão, se não tiver a ajuda de terceiros, haverá outros que lhe tomam a dianteira na descida até às águas, pretensamente miraculosas.

Vale a pena salientar que a formulação da pergunta de Jesus, acima referida, é caracterizada por duas construções verbais, que são particularmente expressivas para estruturar a dinâmica da sua conversa com o doente. De facto, seja a utilização do verbo *querer* seja o seu complemento realizado na oração completiva não finita “*ficar curado*” indicam que, na perspectiva do evangelista, as curas são vistas como sinais que implicam uma adesão pessoal.

É nesta parte do texto que encontramos, no versículo oitavo, o núcleo central deste episódio bíblico, presente na frase “*levanta-te, toma o teu leito e caminha*” (Jo 5,8), pois aí se dá nota da cura do paralisado, marcando a passagem da situação que oprimia aquele doente para a sua entrada numa nova vida. Acentue-se que a expressividade desta frase é marcada pelos verbos de ação «levantar» e «caminhar», cujo conteúdo semântico, indicador da ideia de movimento, nos remete para a situação oposta, expressa no versículo três pela forma verbal “*jazia*”. Do mesmo modo, a expressão “*toma o teu leito*” (Jo 5,8) patenteia a nova situação daquele homem, cuja cura lhe vai permitir deixar completamente a prisão da paralisia física, a ponto de poder carregar o próprio leito a que esteve amarrado durante tantos anos. Concluindo, nesta segunda parte do texto dá-se o desenrolar da ação, o que contrasta com a situação sombria que se verificava na primeira parte, acima referida.

### **1.4.3- Resultado da ação: João 5,9a**

Nesta terceira parte, temos a conclusão do texto, que constitui um momento decisivo do encontro entre Jesus e o doente, do qual resultou o homem ter ficado curado, a ponto de começar a andar. Neste último versículo, encontramos também verbos importantes, utilizados tanto na construção das expressões “ficou curado” (Jo 5,9), “pegou no seu leito” (Jo 5,9) como no complexo verbal “começou a andar,”

mostrando que o homem retoma a sua vida normal e segue o seu caminho. Trata-se, no fundo, do resultado da ação narrada anteriormente (Jo 5,9a).

Em suma, o texto apresenta-nos os principais vetores da dinâmica narrativa desenvolvida e aprofundada no decorrer da ação. O primeiro momento introduz a situação onde se vai desenrolar essa ação: Jesus sobe a Jerusalém (Jo 5,1), onde existe junto à Porta das Ovelhas uma piscina, com uma multidão de doentes, cegos, coxos e paráliticos (Jo 5,3). O texto dá-nos a conhecer, de seguida, os diversos gestos e ditos das personagens intervenientes: Jesus interpela o homem doente: “Queres ficar curado?” o doente responde-lhe: “Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina, quando a água é agitada; e, quando eu vou, outro desce antes de mim”. E Jesus disse-lhe: “Levanta-te, toma o teu leito e caminha”. Finalmente, a última parte do texto revela-nos os frutos resultantes da ação curativa de Jesus: o doente toma consigo o leito e põe-se a caminhar. O homem torna-se dono de suas próprias decisões.

Como se poderá ver na continuação da narrativa deste episódio (Jo 5,9a-15), a ação de Jesus, considerada por alguns dos presentes como uma violação do descanso sabático, onde vemos a reação hostil dos detentores do poder, que põem a Lei, interpretada e manipulada por eles, acima do bem do homem.

<b>Cura do Paralítico (João 5,1-9a)</b>	
<b>5,1-3<sup>a</sup></b>	<b>Ambiente da ação</b>
<b>5,8</b>	<b>Desenrolar da ação</b>
<b>5,9<sup>a</sup></b>	<b>Resultado da ação</b>

### **1.5- A cura do paralítico à luz da obra joanina**

Partindo da estrutura do texto que acabamos de apresentar e ao mesmo tempo justificar, em seguida pretendemos destacar a integração da cura do paralítico no contexto amplo da obra joanina. Nesse sentido, inserimos o nosso texto, por um lado na estrutura basilar do testemunho joanino.

### **1.5.1 – Estrutura basilar do quarto Evangelho**

O Evangelho começa com uma magistral introdução composta por um prólogo poético (Jo 1,1-18) e um prólogo narrativo (Jo 1,19-51). Estes dois textos introdutórios, servem de resumo e chave de leitura do Evangelho.

*A vida pública de Jesus* decorre ao longo dos capítulos 2 a 12 em três principais etapas, onde o Unigénito: chama o povo à unidade em Deus para salvar o mundo (Jo 2,1-4,54); revela a vida do Pai (Jo 5,1-8,59); manifesta a vida do Pai (Jo 9,1-12,50). Portanto, o nosso texto abre a segunda parte da vida pública de Jesus.

*A Última Ceia*, descrita em cinco capítulos (Jo 13,1-17,26), praticamente uma quarta parte do Evangelho, é uma autêntica comunicação da vida de Jesus àqueles que o escutam, feita através de dois discursos e de uma oração dirigida ao Pai pela unidade dos seus discípulos. Tanto assim que, a glorificação do rei dos judeus é testemunha no capítulo 18 e 20. Depois de Jesus se entregar ao seu povo (Jo 18,1-14) e de enfrentar Anás, enquanto Pedro o nega por três vezes (Jo 18,15-27), o Senhor é entregue por Pilatos aos judeus como Rei (Jo 18, 28-19,16). Então, em 19,17-42, consuma-se o Evangelho com a glorificação do Salvador do mundo.

O Evangelho termina com a conclusão no capítulo 20 e 21, composta por dois epílogos. No primeiro, o capítulo 20, o autor testemunha a manifestação de Jesus glorificado na unidade dos discípulos. No segundo epílogo, o capítulo 21, o Senhor manifesta-se nos discípulos, atraindo o mundo inteiro à sua vida em Deus.

#### **Estrutura do Evangelho:**

Introdução (1,1-51)

I. A vida pública de Jesus (2,1-12,50)

II. A última Ceia (13,1-17,26)

III. A glorificação do Rei dos judeus (18,1-19,42)

Conclusão (20,1-21,25)

### **1.5.2- Os sete sinais**

Tendo em conta a estrutura básica do quarto Evangelho que acabamos de ver, agora passamos a integrar o nosso sinal.

Assim sendo, no princípio da vida pública do Unigénito (Jo 2,1ss), o autor apresenta os sinais de Jesus (Jo 2,1-11) como manifestação da glória do Filho de Deus, no acontecimento da água transformada em vinho, nas bodas de Caná, que é o primeiro sinal, onde o autor insere a ação de Jesus na história de Deus com o seu povo e assegura, no Senhor glorificado, a sua completa realização, a qual, na sua exaltação (Jo 19,17-42), atinge a completa visibilidade naquele que o acolhem (Jo 20,1ss).

No segundo sinal, que é a cura do filho de funcionário real (Jo 4,46-54), o funcionário pede a Jesus que cure o seu filho que estava à morte. Disse Jesus ao funcionário real: “Vai, teu filho vive”. E o homem creu na palavra de Jesus.

É dentro desse dinamismo, dos sinais, que surge no Evangelho Joanino o terceiro sinal que corresponde ao nosso texto em estudo (Jo 5,1-9). A seguir, narra-se o quarto sinal de Jesus, quando Jesus sacia uma enorme multidão (Jo 6,1-15), e por fim “manda recolher os pedaços que sobraram para que nada se perca” (Jo 6,12). Imediatamente realiza-se o quinto sinal revelando o caminho para Deus, como se de um novo Êxodo se tratasse, expressa o andar sobre as águas (Jo 6,16-21).

No nono capítulo, surge o sexto sinal (Jo 9,1,41). Depois é completada a revelação no templo (Jo 8,58), começa por afirmar que vai manifestar as obras de Deus (Jo 9,1ss). O *Logos* feito carne é a Luz do mundo e a vida dos homens, e manifesta as obras de Deus em quem o acolhe (Jo 1,1-13). Nesse sentido o capítulo nove, que começa com um novo sinal de Jesus (Jo 9,1-7), revela-nos, por um lado, a iluminação e a abertura do entendimento de um cego e, por outro, a treva e a insistente ignorância de vários grupos que surgem na ação.

Por fim, temos o sétimo sinal, que é a ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-57). Depois de Jesus manifestar, em quem acolhe a sua palavra, o poder de ver Deus, como ele o vê, e de manifestar a sua vida no Pai, como o lugar de unidade do povo (Jo 10,1ss) no capítulo 11, Jesus manifesta em Lázaro a vida de Deus (Jo 11,1-44).

Efetivamente o quarto Evangelho centra-nos no princípio na ação do Logos em Deus (Jo 1,1-2) e não numa personagem ou numa tradição bíblica. Não reflete nem teoriza acerca do Logos; dá-nos, sim, a conhece-lo na sua relação de vida em Deus, a qual se manifesta em nós na medida em que a acolhemos. Portanto o autor foca-se sempre no Logos. O Logos é a vida de tudo o que existe e sem ele nada pode existir (1Cor 8, 5-6). A vida (zoé) não é a vida biológica que termina com a morte. É a vida de Deus, da qual provém toda a existência, precisamente, por meio do Logos (Gn 2, 7-9).

De facto, tal como a ação da luz sobre a escuridão, o Logos brilha nas trevas (Gn 1,4b-5). Sendo assim, estamos diante do quarto Evangelho: o acolher, ou não, do Logos é evidenciado no confronto entre a luz e as trevas. Deus que no princípio criou o céu e a terra (Gn 1,1), e viu que a luz era boa e separou a luz e as trevas (Gn 1,4), mostra-nos que o mundo é uma realidade concreta e não abstrata. E o mundo, segundo o quarto Evangelho, é uma realidade querida e criada pelo Logos. O mundo pode acolher mais a comunicação de Deus, que se realiza, precisamente, na medida em que é reconhecida. Com efeito, é ao mundo que o amor de Deus sem limites se comunica pelo Filho. O autor joanino confirma que acolher o Logos é a atitude propriamente humana e, por isso, necessária e sempre criadora.

Estamos diante do objetivo vital do quarto Evangelho: acolher a vida em plenitude, recebida de Jesus glorificado. Em Jesus (o verdadeiro homem e o Logos feito carne), encontram-se o médico e o doente. Jesus venceu a doença, curando-a; a vida, em Jesus, venceu a morte, ressuscitando-a. “O Filho de Deus salvou o homem, chamando-o para Deus, libertando-o assim de ser da terra e em vista da terra”<sup>2</sup>.

Esses sinais de Jesus são expressão da plenitude da vida por ele comunicada àqueles que a acolhem.

#### **Sete sinais:**

- 1.º sinal: O vinho novo (Jo 2,1-12);
- 2.º sinal: O filho do funcionário real (Jo 4,43-54)
- 3.º sinal: O paralítico (Jo 5,1-9)
- 4.º sinal: O pão dado e recolhido para a unidade (Jo 6,1-15)
- 5.º sinal: O andar sobre as águas (Jo 6,16-21)
- 6.º sinal: O cego de nascença (Jo 9,1-41)
- 7.º sinal: Lázaro (Jo 11,1-57)

---

<sup>2</sup> Cf. D’ALMEIDA, Corrêa Bernardo - *A vida numa palavra. Uma nova leitura do Evangelho de S. João*. Ed, Universidade Católica. Porto, 2012, Pág. 40.

## Capítulo-II

### 2- ANÁLISE SINTÁTICA

Depois de realizar o estudo prévio, passamos agora para a segunda parte do nosso trabalho. Subdividimos esta segunda parte em duas principais etapas: primeiro o estudo do léxico (vocabulário), das palavras presentes no texto, isto é, verbos, adjetivos, numerais, artigos, pronomes, conjunções, preposições e advérbios; depois, as formas textuais dominantes, onde incidiremos o nosso foco de estudo, pondo em destaque o modo como as palavras e frases se relacionam.

#### 2.1- Léxico (vocabulário)

Um texto nunca utiliza o léxico inteiro de uma língua, mas apenas uma seleção de vocábulos, que acabará por o caracterizar. A perícopé de (Jo 5,1-9a) é constituída por 121 palavras, das quais, num primeiro momento, evidenciaremos o número de recorrências, seguindo, para a sua apresentação, o critério da classificação gramatical.

Assim começamos por apresentar o elenco léxico do nosso texto:

#### Quadro Central do texto/Todas as palavras

Verbos	Substantivos	Adjetivos e numerais	Artigos
ἀνέβη (1x)	άνθρωπον (1x)	άλλος (1x)	ή (1x)
ἀπεκρίθη (1x)	άνθρωπος (2x)	όκτώ (1x)	ό (4x)
άρων (1x)	άσθενεία (1x)	πέντε (1x)	τή (3x)
άσθενούντων (1x)	Βηθζαθά (1x)	πολύν (1x)	τήν (1x)
άσθενῶν (1x)	έορτή (1x)	προβατικῆ (1x)	τό (1x)
βάλη (1x)	ἔτη (1x)	τριάκοντα (1x)	τόν (2x)

γενέσται (1x)	ἡμέρα (1x)	ὕγιής (1x)	τοῖς (1x)
γνούς (1x)	Ἱεροσολύμοις (1x)	Ἰουδαίων (1x)	τῶν (2x)
ἔγειρε (1x)	Ἱεροσόλυμα (1x)	ξηρῶν (1x)	
ἐγένετο (1x)	Ἰησοῦς (3x)	τυφλῶν (1x)	
ἔρχομαι (1x)	κολυβήθρα (1x)	χωλῶν (1x)	
ἔχει (1x)	κολυμβήθραν (1x)		
ἔχουσα (1x)	κράβαττον (2x)		
ἔχω (1x)	Κύριε (1x)		
ἔχων (1x)	πλῆθος (1x)		
ἐπιλεγομένη(1x)	σάββατον (1x)		
ἔστιν (1x)	στοάς (1x)		
ἦν (3x)	ὑδωρ (1x)		
ἦρεν (1x)	χρόνον (1x)		
θέλεις (1x)			
ιδών (1x)			
καταβαίνει (1x)			
Κατακείμε-von (1x)			
κατέκειτο (1x)			
λέγει (2x)			
περιπάτει (1x)			
περιπάτει (1x)			
ταραχθῆ (1x)			

<b>31</b>	<b>23</b>	<b>11</b>	<b>15</b>
-----------	-----------	-----------	-----------

<b>Pronomes</b>	<b>Conjunções</b>	<b>Preposições</b>	<b>Advérbios</b>
αὐτοῦ (2x)	ὅ (1x)	έν (4x)	ἐκεῖ (1x)
αὐτῷ (3x)	ἵνα (1x)	εἰς (2x)	ἤδη (1x)
ἐγώ (1x)	καί (6x)	ἐπί (1x)	οὐκ (1x)
ἐμοῦ (1x)	ὅταν (1x)	μετά (1x)	Ἑβραϊστί (1x)
ἐκείνη (1x)	ὅτι (1x)	πρό (1x)	
με (1x)	δέ (4x)		
σου (1x)			
ταῦτα (1x)			
ταύταις (1x)			
τις (1x)			
τοῦτον (1x)			
<b>14</b>	<b>14</b>	<b>9</b>	<b>4</b>

Sendo clara a importância do léxico num texto, é igualmente importante as suas formas que é a análise morfológica dos seus verbos. Ora, os verbos são palavras que indicam acontecimentos representados no tempo, como uma ação, um estado, um processo ou um fenómeno e flexionam-se em número, pessoa, modo, tempo e voz. Assim sendo, passamos por apresentar os verbos tal como estão no texto e a sua análise:

O verbo “αναβαινω” que no texto se apresenta de forma já conjugada “ἀνέβη” (1x), aparece uma vez no texto: “ἀνέβη” (voz ativa, modo indicativo, aoristo, 3ª pessoa do singular); “ἀπεκρίθη” (1x): (voz ativa, tempo aoristo, indicativo passivo, 3ª pessoa do singular); ἄρον (1x): (voz ativa, tempo aoristo, modo imperativo ativo, 2ª pessoa do singular); “ἀσθενούντων” (1x); (voz ativa, modo indicativo, tempo presente, particípio ativo, genitivo masculino plural); “ἀσθενῶν” (1x): (voz ativa, modo particípio ativo, nominativo, masculino singular); “βάλῃ” (1x): (voz ativa, tempo aoristo, 3ª pessoa do singular); “γενέσται” (1x): (voz média, modo infinitivo, tempo aoristo); “γνούς” (1x):

(voz ativa, modo particípio, nominativo, masculino, singular). O verbo “ἐγείρω” (“acordar” 2x): duas formas diferentes: “ἔγειρε” (voz ativa, modo imperativo, tempo presente, 2ª pessoa do singular) e “ἐγένετο” (voz média, modo indicativo, tempo aoristo, 3ª pessoa do singular); “ἔρχομαι” (1x): (voz média, modo indicativo, tempo presente, 1ª pessoa do singular).

O verbo mais recorrente é ἔχω” (“ter”, 4x): duas formas finitas: ἔχω” (voz ativa, tempo presente, modo indicativo, 1ª pessoa do singular) e ἔχει (voz ativa, tempo presente, modo indicativo, 3ª pessoa do singular); duas formas infinitas: ἔχων (voz ativa, particípio presente, nominativo masculino singular) e ἔχουσα (voz ativa, particípio presente, nominativo feminino singular).

E a seguir temos “ἐπιλεγομένη (1x): (voz passiva, modo particípio, tempo presente, nominativo, feminino, singular); “ἔστιν” (1x): (voz ativa, modo indicativo, tempo presente, 3ª pessoa do singular). Encontramos ainda um outro verbo (“εἶμί” - “ser, estar” 3x): três formas imperfeitas: ἦν ( voz ativa, modo indicativo, tempo imperfeito, 3ª pessoa do singular); “ἦρην” (1x): (voz ativa, modo indicativo, tempo aoristo, 3ª pessoa do singular); “θέλεις” (1x): (voz ativa, modo indicativo, tempo presente, 2ª pessoa do singular); “ιδών” (1x): (voz ativa, modo particípio, tempo aoristo, nominativo, masculino, singular); “καταβαίνει” (1x): (voz ativa, modo indicativo, tempo presente, 3ª pessoa do singular); “Κατακείμενον” (1x): (voz média, modo particípio, tempo presente, acusativo, masculino, singular); “κατέκειτο” (1x): ( voz média, modo indicativo, tempo imperfeito, 3ª pessoa do singular); “λέγει” (2x): ( voz ativa, modo indicativo, tempo presente, 3ª pessoa do singular); “περιπάτει” (1x): (voz ativa, modo indicativo, tempo imperfeito, 3ª pessoa do singular); “περιπάτει” (1x): (voz ativa, modo imperativo, tempo presente, 2ª pessoa do singular); “ταραχθῆ” (1x): (voz passiva, modo.....tempo aoristo, 3ª pessoa do singular).

Depois de termos apresentado os verbos e a sua análise, agora passamos a apresentar os substantivos. Gramaticalmente, substantivo é qualquer palavra que nomeia tudo que existe. É tudo que dá nome aos seres, a tudo que você vê, ouve, sente ou imagina. Também os substantivos podem variar em género (masculino e feminino), número (singular, plural e grau (aumentativo e diminutivo)).

Assim sendo, elencamos a seguir os substantivos tal como encontram-se no texto em estudo:

“Ἱεροσόλυμα” (1x): (acusativo, neutro, plural); “ἄνθρωπος” (1x): (“homem” 2x): duas vezes em casos diferentes: “άνθρωπον” (1x): (acusativo masculino singular)

“ἄνθρωπος” (nominativo, masculino, singular); “ἀσθενεία” (1x): (dativo, feminino, singular); “Βηθζαθά” (1x): (nominativo, feminino, singular); “ἔορτή” (1x): (nominativo, feminino, singular); “ἔτη” (1x): (acusativo, neutro, plural); “ἡμέρα” (1x): (dativo, feminino, singular); “Ἱεροσολύμοις” (1x): (dativo, neutro, plural); “Ἱεροσόλυμα” (1x): (acusativo, neutro, plural); “Ἰησοῦς” (3x): (nominativo, masculino, singular); “Ἰουδαίων” (1x): “κολυμβήθρα” (1x): (nominativo, feminino, singular); “κράβαττον” (2x): (acusativo, masculino, singular); “Κύριε” (1x): (vocativo, masculino, singular); “πληθός” (1x): (nominativo, neutro, singular); “σάββατον” (1x): (nominativo, neutro, singular); “στοάς” (1x): (acusativo, feminino, plural); “ὔδωρ” (1x): (nominativo, neutro, singular); “χρόνον” (1x): (acusativo masculino, singular).

Terminada a apresentação dos substantivos, passamos agora a apresentar os adjetivos e numerais. O adjetivo é palavra que expressa uma qualidade do ser e se encaixa diretamente ao lado do substantivo. Já o numeral, é palavra que indica os seres em termos numéricos, isto é, que atribui quantidade aos seres ou situa em determinada sequencia. Neste paragrafo, passamos agora por apresentar os adjetivos e os numerais do nosso texto:

“ἄλλος” (1x): (nominativo, masculino, singular); “ὀκτώ” (1x): (acusativo, neutro, plural); “πέντε” (1x): (acusativo, feminino, plural); “πολύν” (1x): (acusativo, masculino, singular); “προβατικῇ” (1x): (dativo, feminino, singular); “τριάκοντα” (1x): (acusativo, neutro, plural); “ὑγιής” (1x): (nominativo, masculino, singular); “Ἰουδαίων” (1x): (genitivo, masculino, plural); “ξηρῶν” (1x): (genitivo, masculino, plural); “τυφλῶν” (1x): (genitivo, masculino, plural); “χωλῶν” (1x): (genitivo, masculino, plural).

Os artigos são importantes dentro de um determinado texto. Trata-se de palavras que aparecem antes de um substantivo. Os artigos ou o artigo indica ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos. Passamos agora por apresenta-los (artigos) tal com estão no texto:

“ἡ” (1x): (nominativo, feminino, singular); “ὁ” (4x): (nominativo, masculino, singular); “τῇ” (3x): (dativo, feminino, singular); “τήν” (1x): (acusativo, feminino, singular); “τό” (1x): (nominativo, neutro, singular); “τόν” (2x): (acusativo, masculino, singular); “τοῖς” (1x): (dativo, neutro, plural); “τῶν” (2x): (genitivo, masculino, plural).

Já a seguir apresentamos os pronomes, que são também de uma extrema importância no texto:

“αὐτοῦ” (2x): (genitivo, masculino, 3ª pessoa do singular); “αὐτῷ” (3x): (dativo, masculino, 3ª pessoa do singular); “ἐγώ” (1x): (nominativo, 1ª pessoa do singular); “ἐμοῦ” (1x): (genitivo, 1ª pessoa do singular); “ἐκείνῃ” (1x): (dativo, feminino, singular); “με” (1x): (acusativo, 1ª pessoa do singular); “σου” (1x): (genitivo, 2ª pessoa do singular); “ταῦτα” (1x): (acusativo, neutro, plural); “ταύταις” (1x): (dativo, feminino, plural); “τις” (1x): (nominativo, masculino, singular); “τοῦτον” (1x): (acusativo, masculino, singular).

Depois de analisarmos os pronomes e os seus respetivos casos, agora passamos para as conjunções, onde apresentaremos os seus respetivos casos. As conjunções são vocábulos de função estreitamente gramatical utilizados para o estabelecimento da relação entre duas orações, ou ainda a relação dos dois termos que se assemelham gramaticalmente dentro de mesma oração. Elas podem ser de dois tipos principais: conjunções coordenativas, conjunções subordinativas.

#### **Eis as conjunções:**

“ὃ” (1x): (dativo, masculino, singular)

“ἵνα” (1x): (simples conjunção)

“καί” (6x): (simples conjunção)

“ὅταν” (1x): (simples conjunção)

“ὅτι” (1x): (simples conjunção)

A seguir temos as preposições que são de uma extrema importância num texto. Trata-se palavras invariáveis não sofrem flexão de género, número ou variações em grau, como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo e voz como nos verbos. Por isso, simplesmente apresentaremos tal como estão:

“ἐν” (4x)

“εἰς” (2x): (trata-se de uma preposição que exige acusativo);

“ἐπί” (1x)

“μετά” (1x)

“πρό” (1x)

O último ponto do quadro apresentado são os advérbios. Os advérbios que são uma classe gramatical de palavras que modificam um verbo, um adjetivo ou um

outro advérbio, raramente modifica um substantivo. Passamos agora para a apresentação os respectivos advérbios:

“ἐκεῖ” (1x)

“ἤδη” (1x)

“οὐκ” (1x): (exprime negação)

“Ἐβραϊστὶ” (1x)

Portanto, acabamos de ver e analisar todas as palavras que o texto nos apresenta. Certo que, todas as palavras que o texto nos apresenta são de extrema importância no estudo do nosso trabalho. Com esta apresentação das palavras que o texto nos apresenta, e análise das respectivas palavras, podemos dizer que, temos um texto que nos aponta para uma realidade mais profunda. Ora, depois de estudar a parte sintática do texto, vimos que a palavra, ou cada palavra, tem o seu peso dentro do texto, que nos serve para refletir e meditar.

### **2.3- Formas textuais dominantes**

Depois de estudar o léxico que nos apresenta uma variedade de verbos, substantivos, advérbios, conjunções, preposições, pronomes, e adjetivos, agora estudaremos as formas textuais dominantes.

Incidiremos a nossa atenção na relação das palavras dentro das frases que o nosso texto apresenta. O que pretendemos aqui fazer, não é uma explicação das frases de forma pormenorizada, mas sim, dar mais ênfase nas frases que são centrais no texto. Porque este trabalho, isto é, da explicação das frases do texto, será feito no ponto seguinte que é a semântica.

É de salientar que um texto pode ser constituído por vários tipos de frases: *declarativas, interrogativas, exclamativas, imperativas e optativas*. Também encontramos *períodos simples e compostos* dentro de um texto, isto é, frases com uma oração ou frases com duas ou mais orações.

E em cada uma dessas frases há uma certa informação, que a faz ligar com a anterior ou com a posterior, permitindo estruturar o conteúdo a ser transmitido. Assim, focaremos a nossa maior atenção nas frases de maior importância no nosso texto, classificando-as em *declarativa, interrogativa, exclamativa, imperativa e optativa* e

compostas. Assim sendo, temos algumas frases declarativas, interrogativas e imperativas que achamos ser as mais destacadas no nosso texto:

### **2.3.1- Frases declarativas:**

- v.1: *“Depois destas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém”*.

- v.3: *“Nestes, jazia uma multidão de doentes, cegos, coxos e paráliticos”*.

- v.5: *“Estava ali um homem, doente há trinta e oito anos”*.

- v.9: *“Imediatamente, o homem ficou curado, pegou no seu leito e começou a andar”*.

Temos diante de nós frases declarativas ou afirmativas, que nos situam logo ao começar uma narração. Sem muito esclarecimento, e sem dar uma explicação destes versículos, vemos que Jesus vem de um determinado lugar e vai para o outro, onde encontra um cenário que vai fazer com que ele se revele.

Ora, ao repararmos as frases acima mencionadas, e como começa o primeiro versículo, é notório que são frases declarativas, mas que nos pontualizam um determinado acontecimento. Em cada uma destas frases, há uma certa informação, que a faz ligar-se com a anterior, como já dissemos, ao iniciarmos este segundo ponto.

### **2.3.2- Frase interrogativa:**

-v.6: *“Queres ficar curado”?*

Trata-se de uma frase interrogativa. Importante salientar mais uma vez que, esta frase interrogativa, temos duas construções verbais, (queres ficar...) que inicia um processo de mudança do parálitico. Uma pergunta importante da parte do doente, porque a decisão de cura também depende dele e não só de Jesus que tem o poder de curar os que andam doentes.

### **2.3.3- Frase imperativa:**

-v.8: *“Levanta-te, toma o teu leito e caminha”*.

Temos uma frase central neste episódio, que marca o texto. Um imperativo que mostra o poder de Jesus, que mais uma vez se revela. Estamos diante de um momento no qual a vida do parálitico toma um novo rumo.

Certo é que existem mais frases, mas preferimos evidenciar aquelas que achamos serem de maior importância no texto.

## Capítulo III

### 3 – Análise Semântica

Depois de termos visto a componente lexical e as formas textuais dominantes, agora, na terceira parte do nosso trabalho, passamos à análise semântica, onde procuramos estudar o texto no seu significado. Estudaremos os significados dos sinais linguísticos e as relações entre a forma dos sinais e conteúdo dos mesmos, nas suas palavras e frases. Iremos fazê-lo versículo a versículo, excluindo o versículo quarto, pois este não se encontra na maior parte dos manuscritos antigos.

Conforme constatamos, o episódio descreve a cura de um enfermo, mais concretamente um homem que se encontrava paralisado há trinta e oito anos (Jo 5,5). Este representa um conjunto de enfermos, excluídos da festa e sem esperança, pois acham-se próximos da morte. Jesus vai ao encontro deles para lhes oferecer não apenas a saúde como também, e sobretudo, a plenitude da vida. Assim sendo, em seguida, apresentamos o nosso estudo semântico do texto em questão, começando pelo primeiro versículo, onde vemos Jesus que sobe para Jerusalém numa festa dos Judeus.

#### *v.1 Depois destas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém.*

O texto começa com uma referência temporal indeterminada: “depois destas coisas”. A preposição “μετὰ”, (depois) na maioria dos casos expressa uma forma de relação que geralmente é pessoal. Jesus vinha da Galileia, onde acabara de realizar o segundo sinal, que é a cura do filho de funcionário real (Jo 4,46-54). Agora Jesus sobe para Jerusalém, onde encontra “uma festa que não se precisa qual seja, mas que, como a Páscoa de Jo 2,13, qualifica-se de festa dos Judeus”<sup>3</sup>. A sua indeterminação torna-a genérica. Poder-se-ia tratar de uma festa qualquer ou de uma celebração ordinária. Como na primeira Páscoa, a determinação “dos judeus” permite-nos considerar que a festa seja apresentada a partir de um olhar externo ao próprio judaísmo. Certo é que não está claro a que festa se alude. Ao mesmo tempo, importa assinalar que esta e outras

---

<sup>3</sup>Cf. MATEOS; Juan-Barreto Juan - *O Evangelho de São João. Grande Comentário Bíblico*. Pág. 245.

festas judaicas eram abertas a todos, contudo alguns dirigentes, como se constata nos versículos seguintes ao nosso episódio, tentam excluir o povo.

Como afirmamos anteriormente, Jesus vinha da Galileia onde acabara de realizar o segundo sinal (Jo 4, 46-54), agora sobe para Jerusalém. Ora, o nome Jerusalém “No Novo Testamento, escrito como Ἰερουσαλήμ ou Ἰερουσόλυμα, aparece 139 vezes. A maioria dos testemunhos se encontram nos Evangelhos e em Atos (64 e 61 vezes respectivamente). Ambas as formas do nome da cidade estão tomadas de LXX, de onde os livros que formam parte do cânon hebreu adotam a forma hebraizante Ἰερουσαλήμ, não utilizada em grego profano.

Na história do Antigo Testamento, a cidade de Jerusalém era a sede real do reino davídico, passando a ser o lugar onde estava implantado ou alojado o templo, portanto, assumira-se como um verdadeiro centro religioso. Jerusalém é assim um lugar privilegiado por Deus (Dt 12, 5) para a revelação (Am 1, 2; Is 2; Jl 3, 16,ss), o lugar onde as pessoas se encontram com o seu Deus por meio do culto celebrado no templo. Tanto assim que durante o tempo do desterro, as esperanças de salvação se vinculavam especialmente com Jerusalém. Efetivamente, Jerusalém continuou, durante o cativeiro, a ser o centro religioso tanto dos deportados (Is 40-55; Sl 137) como daqueles que ficaram na Palestina. Esses últimos começaram a peregrinar frequentemente às ruínas e o templo. Depois do cativeiro, Jerusalém restaurou-se aos poucos (Esdras e Neemias), apesar da oposição dos samaritanos.

Além do mais segundo a tradição judaica, bíblica ou rabínica, a relação do povo Judeu com Jerusalém é a afirmação de que o mundo retorna à sua pureza inicial, pois encontra Deus. Ela representa uma experiência concreta de uma realidade completa, de um estado puro e sagrado: poder-se-ia dizer que Jerusalém historicisa o conto do Paraíso terrestre, onde Deus se fazia presente e era visível em sua obra criada, falando com o homem.

Portanto, Jerusalém é a cidade do encontro entre Deus e o homem no contexto da história da salvação oferecida por Deus. Neste contexto, se insere o movimento de Jesus de ir ao encontro de um homem que já a muito tivera perdido a sua esperança. O homem retorna a sua pureza inicial, como ser humano que Deus ama. Assim Deus age na vida deste homem de forma muito simples até ao ponto de muitos ficarem admirados com a cura do parálítico. Com efeito, assim se valoriza e integra a ação de Jesus na cidade onde a fé cristã nasceu. Efetivamente, estamos a falar de uma cidade que é importante para o florescimento cristão, precisamente por ser especialmente integrada

nos planos de Deus na história e na experiência do povo Judeu à luz do acontecimento redentor de Jesus.

***v.2 Em Jerusalém, junto à porta das ovelhas, existe uma piscina chamada, em hebraico, Betesda, que tem cinco pórticos.***

Depois de estudar o versículo primeiro, onde vimos em primeiro lugar Jesus que sobe a Jerusalém, agora vemos o versículo segundo onde a questão principal é o templo e a piscina. Assim sendo, o autor continua a descrever o episódio pela descrição de um ambiente, em que João faz alusão a “Ovelheira” e a “Porta das Ovelhas”.

“A Ovelheira” é denominação (na classe gramatical é um adjetivo) de “a Porta Ovelheira”, por onde entravam os rebanhos na capital. A supressão deliberada de “Porta” priva a denominação de seu sentido dinâmico: converte-se em lugar das ovelhas. Alude-se às que Jesus liberta do templo, que eram símbolo do povo (Jo 2,14ss) e ao discurso sobre o pastor e as ovelhas (Jo 10,1ss). Prepara-se, assim, de antemão a identificação da multidão que aparecerá no versículo seguinte com o povo, abandonado por alguns dos dirigentes.

O templo e a piscina são duas realidades relacionadas de um modo contrastante. A piscina é o âmbito do povo, circundado pela instituição centrada no templo (os pórticos), que o priva da vida. O templo (Jo 2, 14ss), de certo modo, é expressão do culto antigo que importaria converter, pois na realidade tornara-se sobretudo um lugar de poder para os dirigentes judeus.

A piscina era alimentada periodicamente por uma corrente de água; essa corrente provinha de uma fonte intermitente, pois a água era estancada afim de aumentar a sua vitalidade e, indiretamente, a sua virtude curativa (Jo 5, 4). A piscina era frequentada por toda a classe de enfermos (cegos, coxos e parálíticos), que esperavam um novo impulso de água, pois acreditavam que, segundo uma crença popular, essa teria uma renovada virtude curativa.

Os cinco pórticos da piscina correspondem a realidade histórica. Contudo, a menção deste pormenor, desnecessário para a narração, mas que estabelece a relação entre piscina e o templo, insinua um sentido além do histórico. Os pórticos do templo eram o lugar do ensino oficial da lei de Moisés, que tornava Jerusalém a cidadela do saber teológico-jurídico do judaísmo, aonde acorriam alunos de todo mundo conhecido (At 5, 34;22,3). Ao mesmo tempo, a ordem que Jesus dará ao parálítico estará

aparentemente em contradição com a Lei (Jo 5,10), pois os judeus dirão ao homem que foi curado: “é sábado e não te é permitido carregar o leito”. Efetivamente, um dos principais temas que resultam do nosso texto tem a ver precisamente a Lei e com a pessoa de Jesus (Jo 5,22-23). Jesus vem completar e não substituir a lei para que todos honrem o filho como honram Pai. No final do texto se fará menção de Moisés (cf. Jo 5,45s), o doador da lei (Jo 1,17), o que sugere que os cinco pórticos possam já ser símbolo dos cinco livros da Lei, sob cuja opressão vivia o povo devido a uma interpretação insuficiente da mesma.

### ***v.3 Nestes, jazia uma multidão de doentes, cegos, coxos e parálíticos.***

A descrição que o versículo terceiro nos oferece permite-nos visualizar o contraste entre, por um lado, a visão e a atitude dos dirigentes que restringiam a festa a alguns, achando-se donos da mesma, e, por outro, a vivência de uma multidão doentes que sem forças nem atividade se viam prostrados. A denominação genérica de enfermos coloca-os em relação, como vimos, com a figura do povo submetido ao poder. O uso do termo “multidão” (plêthos, que denota mais gente do que ochlos - Jo 12,12) traduz a grande maioria do povo, como realidade contrastiva dos dirigentes.

A multidão atirada para os pórticos está, portanto, excluída da festa. Assim se apresenta a situação do povo, insinuada no versículo anterior. Com efeito, para estas pessoas, impotentes, doentes, miseráveis, não havia celebração nem alegria. A situação desta multidão explica a oposição de Jesus ao sistema político-religioso (Jo 2,13ss). Em sua primeira visita a Jerusalém, Jesus foi diretamente ao templo, cidade do regime, para denunciar o modo como as autoridades dele se serviam; agora, porém, o texto prepara-nos para o facto de Jesus ir ao encontro das suas ovelhas, particularmente aquelas enfermas. A passagem recorda o texto de Zc 10,2-3: “Por isso foram arrebatadas como ovelhas e em mau estado, porque não havia cura. Contra os pastores exacerbou-se minha ira; mas eu cuidarei dos cordeiros e visitará o Senhor...o seu rebanho”.

### ***v.5 Estava ali um homem, doente há trinta e oito anos.***

O texto foca a nossa atenção num parálítico que não podia movimentar-se (Jo 5,7) e que, como aparecerá em seguida, estava prostrado em cama ou maca. Esse homem sofre de enfermidade. Duas vezes aparece em João este substantivo

(enfermidade); da segunda vez designará a enfermidade de Lázaro, que não era para a morte, mas sim era uma enfermidade para a glória de Deus (Jo 11,4). A de agora, porém, avista apenas a morte, tanto assim que, como se verá em seguida, há “trinta e oito anos” que a personagem em questão se encontrava doente com paralexia. De certo modo toda aquela multidão se encontrava doente (cegos, coxos, paralíticos), sendo que o paralítico que será destacado representa os demais enfermos, ou seja, este homem encarna a situação da multidão. A cura que Jesus fará não se dirige somente a um indivíduo, mas é sinal da libertação da multidão de marginalizados, miseráveis, submetidos à Lei. Assim se pode explicar a violenta reação dos dirigentes, que, imediatamente, pensarão em matá-lo (Jo 5,8).

O número «trinta e oito» deve-se interpretar em sua relação com o número quarenta. Quarenta anos equivaleriam a uma geração. Finalmente podemos acrescentar que o homem estava doente a trinta e oito anos. João indica a longa duração da enfermidade, a fim também de destacar o carácter milagroso da cura.

Ao mesmo tempo a referência aos trinta e oito anos, permite-nos considerar a gravidade da doença e, possivelmente, o facto de não existir cura para a mesma. Assim sendo, a cura não será somente um milagre, senão um “sinal” no quarto Evangelho. Alguns comentadores terão visto na referência aos trinta e oito anos como sendo um número simbólico:

“assim como os israelitas andaram no deserto trinta e oito anos antes de entrar na terra prometida (Dt 2,14), assim também o paralítico suportou trinta e oito anos sua enfermidade antes de receber a plenitude da saúde que lhe deu Jesus”<sup>4</sup>.

O paralítico está, portanto, bastante fragilizado com a sua doença, e é neste momento que dele se aproxima Jesus. Em síntese, o facto de o paralítico estar há trinta e oito anos doente recorda a vivência do povo no deserto, onde morreu toda a geração que saíra do Egito (Nm 32, 13; Js 5,6; Sl 95, 10), sem chegar à terra prometida, andando anos e anos sem experimentar a salvação ou às portas da mesma.

---

<sup>4</sup> ALDAY, Salvador Carrillo-El evangelio según san Juan. Ed, Verbo Divino, 2010, Pág. 205.

**v.6 *Jesus vendo-o prostrado e sabendo que já assim estava há muito tempo, perguntou-lhe: “Queres ficar curado?”***

Neste versículo, Jesus vê o homem deitado. O “ver” que aqui é referido, não é um ver simples. Efetivamente o verbo utilizado não é o verbo βλέπω (ver, ter o sentido de vista, ver a luz do sol), mas sim o verbo ὁράω (ver, ter olhos, observar) que no nosso caso pode traduzir-se num “*olhar observante*”. O verbo é “ὁράω” aparece 449 vezes no Novo Testamento (incluindo as formas verbais construídas a base de outros temas). O significado fundamental do verbo ὁράω é “*ver, ter olhos, observar, entender, advertir*”. No Novo Testamento o sujeito de ὁράω é sempre uma pessoa, e não nunca se usa “ὁράω” com referência a qualidades estéticas. E no nosso caso, o verbo apresenta-se da seguinte maneira no texto: “ἰδών” (Jo 5,6), que só aparece uma vez no texto, e está na voz ativa, modo particípio, tempo aoristo, nominativo, masculino, singular.

Não se diz que Jesus vai à piscina nem que entra em seu recinto. Somente se diz que subiu a Jerusalém e que dentro da cidade havia uma piscina. Sem mais explicação, encontra-se Jesus no meio da multidão dos enfermos. A piscina é o lugar onde está a multidão, que de certo modo representa o povo marginalizado que existe em Jerusalém.

Os sinais da longa enfermidade são visíveis: Jesus dá-se conta de quão avançada está a doença. A este homem que representa o povo, ele quer dar a saúde: homem sem forças, incapaz de movimento e ação, vítima de sua enfermidade, em condição infra-humana, sem criatividade nem iniciativa. Jesus abre-lhe a esperança de saúde, oferecendo-se implicitamente a si mesmo como tal. Cumpre o seu programa, agindo sem forçar a liberdade. Não é líder que propõe ideologia. Sua proposta toca no essencial do homem, a vida, enquanto esta é capacidade e liberdade de ação.

Certo que Jesus vê o homem prostrado (Jo 5,6) e faz-lhe uma pergunta: “*queres ficar curado?*”. Esta questão poderia soar estranha aos antigos: como não ia querer o enfermo ficar curado? Esta palavra, que numa segunda leitura poderia evitar a cura radical de ser, está na base da confissão da sua desgraça (Jo 5,7). Esta confissão é uma constatação de impossibilidade, que oculta a expressão do desejo. Mas para a leitura simbólica do relato convém reter o que disse o texto: uma impotência e um isolamento que parecem invisíveis. Reclinado e sem ajuda alguma. Não está este homem como excluído da vida? Seu desespero (“*não tenho ninguém...*”) contrasta com a presença ao

seu lado de Jesus. A ordem de Jesus se parece a que inclui Mc para a cura de paralisado em Cafarnaum, assim como resultado:

Mc 2,11-22

“Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa”.

“Levantou-se e, imediatamente, carregando o leito saiu diante de todos.”

Jo 5,8-9

“Levanta-te, toma o teu leito e anda”.

“Imediatamente o homem ficou curado.”

Enquanto que o relato de Mc em seu conjunto está orientado para uma demonstração da autoridade que Jesus tem de perdoar os pecados (“saiu diante de todos”), a versão joanica vai acrescentando a cura do homem (Jo 5,9). O interesse de Jo não se dirige só ao poder de Jesus, senão também, e muito especialmente, ao modo como o homem curado acolhe o poder de Jesus.

**v.7 *O doente respondeu-lhe: “Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina, quando a água é agitada; e, quando eu vou, outro desce antes de mim”.***

Enquanto enfermo, não tinha esperança da sua cura. Daí que responde respeitosamente “Senhor”; continua pensando que sua salvação está na piscina e expõe a Jesus sua situação de dependência. Ele não pode ir por si mesmo e ninguém se dispõe a ajudá-lo. A água da piscina agitava-se de quando em quando, o que era considerado como sinal prodigioso que curaria qualquer enfermidade. De facto, atribuíam-se à agitação da água da piscina propriedades curativas. Mas esta água não é suficiente para Jesus, como não era a do poço de Jacó (Jo 4,13). Aquela não matava a sede de vida, e esta não cura verdadeiramente. Não se afirma que os que desciam ficavam curados.

O verbo que João usa, “agitar”, refere-se sempre a pessoas e não a elementos. Indica, em particular, a agitação que se produz em grupo ou em multidão. A agitação da água, portanto, representa a ilusão do povo oprimido de encontrar remédio em agitações populares. É armadilha de libertação que nunca chega a realizar-se.

O “substantivo água (ὕδωρ) aparece 78 vezes no Novo Testamento, encontrando-se 45 testemunhos nos escritos joaninos: 23 no Evangelho de Jo, 4 em 1Jo e 18 no Apocalipse. A água “ὕδωρ” é uma categoria humana fundamental”.<sup>5</sup>

A menção da água liga-se com as menções anteriores e anuncia as que se vão seguir. A água é fator de vida, isto é, serve como sustento biológico e, ao mesmo tempo, no quarto Evangelho é sinal da vida dada por Deus através de Jesus. Nesse sentido, por exemplo, a água do poço de Jacó (Jo 4,13) surge associada a vida dada por Deus, mesmo se essa, na realidade, não a dá. Efetivamente, a água da vida é dada pelo Messias (Jo 4,14), o Espírito que dele brotará (Jo 7,37-39). Ora, o paralítico estando impossibilitado de aceder à água da piscina via-se impotente para alcançar a cura (Zc 10,2). O enfermo desejava-a, mas estava fora do seu alcance. Neste contexto, o paralítico responde a Jesus sem sair dos limites das crenças e dos princípios em que acreditava (Jo 5,14), contudo, na realidade, a ajuda, a cura, o dom que Jesus lhe dará terá um alcance bem maior.

De facto, segundo a “tradição do quarto Evangelho, a água é um bem vital (Gn 1,2), usado para a purificação (Lv 11,1ss), e um importante símbolo de renovação espiritual (Ez 36; Is 44). No Evangelho joanino, a água é necessária para a purificação (batizar e lavar Jo 1, 25; 2,6), sobretudo, interior e pessoal (beber e saciar-se Jo 4,14). Segundo o discípulo amado, assim como o homem precisa de água para viver neste mundo, assim necessita de Água viva para viver de Deus (Jo 4,10). Com efeito, o autor vai construindo, ao longo do seu testemunho, a sua própria simbologia da água e aproxima-a da simbologia do sangue. A água (ὕδωρ) começa por surgir na oposição entre o batismo com a água (Jo 1, 25-26) e o batismo com o Espírito (Jo 1,33). Em Caná, a água para a purificação é transformada em vinho, sinal da boda e da alegria messiânica (Jo 2, 1ss). O Mestre diz a Nicodemos ser necessário nascer da água e do Espírito (Jo 3,3-5)”<sup>6</sup>.

A água viva, declara Jesus, torna-se fonte naquele que a bebe “nele” jorrando de Deus (Jo 4,1ss). Certo é que segundo o pensamento do paralítico, ele não precisava de

---

<sup>5</sup> BALZ, Horst, SCHNEIDER, Gerhard - *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*. Vol. II, 1998, Pág. 1821.

<sup>6</sup> D’ALMEIDA, Corrêa Bernardo - *A vida numa palavra. Uma nova leitura do Evangelho de S. João*. Pág. 65.

água para beber nem para viver plenamente, mas sim para ser curado. Por isso, o paralítico diz que não tem ninguém que o lance na piscina para ser curado. Por outras palavras, o desejo do paralítico é andar manifestando ainda a incapacidade em distinguir as águas. Contudo, só do dom de Deus o paralítico poderia entender Jesus e assim unir-se aos irmãos, nascidos como dom de Deus.

Portanto, o dom de Deus é a descoberta da pessoa que precisamente vai ao encontro do paralítico. Neste sentido se compreende que toda a conversa com o paralítico leva-nos a Jesus e a conversa termina com a cura do paralítico, como veremos no versículo a seguir.

### **v.8 - O Senhor disse-lhe: “Levanta-te, toma o teu leito e caminha”.**

Jesus capacita o homem andava paralisado durante trinta e oito anos. A situação sem saída pode ser remediada por ele. Logo lhe dá a saúde e com ela a capacidade de agir por si mesmo, sem depender de outros: a cura chega-lhe de onde ele não esperava, sem clamor. O homem pode dispor do leito que o mantinha imóvel e pode caminhar para onde quiser. O leito, mencionado quatro vezes, adquire relevo particular. Ela carregava o homem inválido; agora, curado, é o homem quem a carrega. É a **palavra** de Jesus que cura, dando força e liberdade. Jesus não o levanta, mas capacita-o para que ele mesmo se levante e caminhe. Sua ordem é tríplice: **levanta-te, toma o teu leito e caminha**. A interpelação repetida da frase «toma o teu leito» evidencia sua importância na narração. Jesus torna o paralítico dono daquilo que o dominava, fá-lo possuir aquilo que o possuía. O homem estava subjugado e privado da iniciativa própria; agora pode dispor de si mesmo, com plena liberdade de ação (caminha). De homem inutilizado faz-se homem livre.

O verbo “ἐγείρω, que significa despertar, levantar, (em sentido intransitivo), é a ação com que se designa a ressurreição. O verbo ἐγείρω com o significado fundamental (transitivo) de despertar, estimular, excitar levantar o (intransitivo) de acordar, mudança, subir, aparece quase sempre no Novo Testamento como sinónimo de “ἀνίστημι”. Com relativa frequência o imperativo ἐγείρε se emprega para exortar os enfermos a que se levantem e com ele se transmite a cura ou se faz ver que se estra a produzir um futuro imediato”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> BALZ, Horst, SCHNEIDER, Gerhard - *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*. 1996, Pág.1130.

Ora, no nosso texto, precisamente, o verbo (ἐγείρω) é empregue no imperativo dirigido ao enfermo que o texto trata, concretamente o paralítico. É um imperativo que faz com que o enfermo se levante, cure e retome a sua vida normal.

***v.9 - Imediatamente, o homem ficou curado, pegou no seu leito e começou a andar.***

A ordem de Jesus cumpre-se imediatamente e à letra. O homem executa o que Jesus lhe disse e começa a andar, carregando o seu leito. É como um morto ressuscitado (Jo 5,21-25). Jesus aparece como quem é capaz de dar vida ao povo morto, de levantar os subjugados, de realizar a esperança. Ele não pôs ao paralítico outra condição, a não ser o desejo de saúde. Agora deixa ao homem plena liberdade. Não o chama diretamente para ser discípulo, mas simplesmente o fez homem, que, já libertado, deve encontrar sua própria vida. Na realidade, Jesus não se deteve tanto em revelar o seu nome, mas sim em comunicar a sua vida, através da sua palavra.

“Imediatamente”, a ordem que Jesus dá ao paralítico de que carregue o seu leito, colide com algumas prescrições sobre o repouso sabático. Ora, esta cura deve-se, mais do que à presença física de Jesus, à sua palavra que suscita esperança (Jo 5,6) e é eficaz (Jo 5,8). O homem encontra nela não só a capacidade de ação (levanta-te e caminha), mas também a libertação de um passado (tomou o seu leito) e a liberdade para o futuro (pôs-se a andar).

Em síntese, por um lado, este episódio preludia o êxodo do Messias, a saída da terra da escravidão. Para isso se requer capacidade de caminhar. Por isso, a primeira obra de Jesus consiste em fazer o enfermo andar, ou seja, fazer andar o povo oprimido, cuja figura é o enfermo. Liberta-o da sujeição que o mantinha prostrado e a ponto de morrer. Dá ao homem a liberdade para que decida sobre o seu próprio caminho. Jesus oferece verdadeiro caminho e liberdade a todo o povo, que antes depositava sua esperança em vãs agitações populares. Isso desencadeará a perseguição dos dirigentes contra ele. Finalmente, por outro lado, este terceiro sinal de Jesus vai permitir revelar que o acolhimento da vida dada pelo Enviado do Pai é essencial para a plenitude da vida, a qual naturalmente está para lá das doenças e das curas terrenas, as quais se repetem em ciclos. Ora, a vida dada por Jesus tudo quer envolver e encher de

significado de vida eterna como verdadeira possibilidade de caminho, verdade e vida (Jo 16,4).

## Capítulo - IV

### 4- Análise Pragmática

Depois de termos feito o estudo semântico onde olhamos o significado do texto, agora passamos à análise pragmática. Ora, a análise pragmática centra-se no estudo da finalidade e/ou do efeito do texto no leitor, pondo-o em contacto com o mesmo. A pragmática tem também por objeto o estudo dos princípios que regulam o uso da língua e a relação entre a linguagem e a sua utilização em contexto. Os textos pretendem não só informar acerca de algo, como “querem alcançar algo em seus ouvintes ou leitores.”<sup>8</sup>

Assim, “a necessidade de uma análise pragmática deduz-se do facto de se reconhecer que a sintática e a semântica só podem esclarecer insuficientemente o exemplo ou o uso da língua. Por outras palavras, o que um texto manifesta não pode determinar-se apenas na sintática ou semanticamente; isso tem que fundamentar-se também pragmaticamente”<sup>9</sup>.

E é dentro deste contexto da definição da pragmática que o quarto capítulo do nosso trabalho vai desenvolver-se.

Olhando para o episódio da cura do paralítico, é notório que os leitores se reconheçam nas personagens e na situação do texto. Jesus e os enfermos, concretamente o paralítico, são modelos de identificação para todos e apontam-nos um caminho que nos leva a tomar uma atitude. Naturalmente que algumas personagens são modelos de identificação mais positivos do que outras. Certo é que os eventos do passado têm o seu efeito no tempo presente. São situações que não se repetem ou se reproduzem “simplesmente”, mas que têm implicações na vida de todo leitor. Ora, tendo em conta o significado do texto, percorrido anteriormente na análise semântica, por meio da abordagem pragmática evidenciamos o efeito dinâmico do texto no leitor e deste no texto.

---

<sup>8</sup>Cf. MORA, Paz C; GRILLI, M; DILMANN - *Lectura Pragmalingüística de la Biblia: Teoría y aplicación*. Ed, Verbo Divino, Navarra, 1999, Pág. 59.

<sup>9</sup> MORA, Paz C; GRILLI, M; DILMANN - *Lectura Pragmalingüística de la Biblia: Teoría y aplicación*. Pág. 61.

Assim sendo, o quarto capítulo do nosso trabalho está subdividido em três partes: a estratégia de João, onde apresentaremos o modo como ele cumpre o seu objetivo, que é comunicar a vida; a situação inicial, onde vemos o contacto do leitor com o texto; e o resultado. Focamo-nos em dois principais modelos de identificação.

#### **4.1 - Estratégia de João**

O quarto Evangelho é um testemunho de vida recebida. O Evangelho nasce, é e finda no domínio de perfeita unidade do Pai e do Filho, fora da qual não o compreendemos. Assim, o quarto Evangelho é, por um lado, um contínuo testemunho da relação de Jesus em Deus e, por outro, uma constante chamada a sermos nessa vida testemunhada.

João cumpre o seu objetivo que é dar testemunho da vida comunicada por Jesus. Precisamente o quarto Evangelho começa na vida do Logos em Deus (Jo 1,1-2) e não por uma personagem ou uma tradição bíblica, distinguindo-se assim dos três Evangelhos sinópticos, que se iniciam do seguinte modo:

Mateus: Genealogia de Jesus a partir de Abraão (Mt1,1-17)

Marcos: Pregação e batismo de João (Mc 1,1-8)

Lucas: Prefácio a Teófilo e revelação a Zacarias (Lc 1,1-25)

O quarto Evangelho na verdade, não reflete nem teoriza acerca do Logos; dá-nos, sim, a conhecer o Logos na sua relação de vida em Deus, a qual se manifesta em nós na medida em que acolhemos (Jo 20,30-31). Nesse sentido, o texto diz-nos que o Logos é a vida de tudo que existe e sem ele nada pode existir. A Vida não é vida biológica que termina com a morte. É a vida de Deus, da qual provém toda a existência, precisamente, por meio do Logos. E, para o nosso autor, a vida inesgotável do Logos (Jo 1,4a) é a luz dos homens (Jo 1,4b), é o conteúdo realizador da existência humana (Pr 8,22-31) iluminando-nos e guiando-nos como Vida das nossas vidas (Jo 4, 1ss).

Como temos vindo a salientar, o discípulo amado fala-nos desde o início do Evangelho da obra criada pelo Logos, não descreve a criação, pois a sua intenção é apresentar-nos o poder absoluto do Logos sobre todos os seres criados. E ao longo do testemunho, o autor destaca desde início três principais contraposições: trevas/luz (Jo

9,1ss), dispersão/unidade (Jo 10,1ss), morte/vida (Jo 11,1ss). É dentro dessa dinâmica que o nosso texto se enquadra.

Mergulhando no contexto do nosso texto (Jo 5,1-9), João dá-nos a conhecer o Evangelho que é vital e a palavra de Jesus. O evangelista relata a vida de Jesus sem muitos rodeios. Foca-se na vida concreta de Jesus, evidenciando o que é essencial, em ordem a comunicar a vida do Pai.

Assim, o quarto Evangelho apresenta-se essencialmente como um Evangelho que se centra em Jesus. Todo ele constitui uma revelação de quem é Jesus, cuja pessoa está no centro da sua teologia. Jesus aparece, desde o hino inicial, como alguém em relação com Deus.

É neste contexto que João usa a sua estratégia para escrever também este relato do paralítico que é o centro do nosso trabalho. Mais concretamente, a estratégia de João passa através da palavra de Jesus: envolver os seus ouvintes na sua dinâmica geradora, como seio materno, como nascer do alto, como água viva, como pão vivo descido do céu dado em alimento que nos gera para essa mesma vida. Tanto assim que o seu Evangelho foi estrategicamente concebido como um seio no qual nascem os filhos de Deus, para a vida eterna. Portanto, trata-se de uma estratégia que nos mostra a verdade de Deus, que se manifesta diretamente no seu Filho, que tudo faz para mostrar que Ele está em união com o Pai e que o Pai está nele.

#### **4.2– Encontro de Jesus com um paralítico**

Tendo em conta a importância da pragmática e da estratégia do autor joanino, em seguida olhamos o texto, mostrando outra dinâmica, onde há dois principais tempos: a situação inicial e o resultado, tendo em conta, sobretudo, ponto de vista e modelos de identificação.

#### **4.3 - Situação inicial**

O texto que temos vindo a refletir (Jo 5,1-9) situa-nos numa primeira fase, mostrando o lugar, as personagens, isto é, Jesus, coxos, cegos, paralíticos, que são o centro do nosso trabalho.

Estamos junto à porta das ovelhas onde se encontra a multidão de enfermos. Trata-se, no fundo, de um lugar onde a dor, a fragilidade do corpo e a miséria humana estavam em total evidência. Muita frustração daqueles homens passava por verem alguém a lançar-se na piscina primeiro que eles. Mas no caso do parálítico que foi curado, nota-se claramente uma persistência, porque ele queria livrar-se da condição em que já se encontrava há muitos anos. Nota-se claramente um ambiente de concorrência, carência e desespero entre os enfermos.

Importante recordar que Jesus atua por própria iniciativa, ao curar o parálítico. Enquanto que em Mc 2,1-12, quatro pessoas levam o parálítico e fazem um buraco no teto para colocá-lo frente a Jesus, já em João é o próprio Jesus que toma a iniciativa de ir ao encontro do enfermo. Portanto, em Marcos, a iniciativa de Jesus, se vê limitada, enquanto que em João não há tais limitações, e ainda pede ao parálítico uma resposta a pergunta: Θέλεις ὑγιῆς γενέσθαι; “queres ficar curado?”.

As palavras “Levanta-te, toma o teu leito e caminha” (Jo 5,8) revelam a vontade de Jesus de que o povo, vivendo da palavra, seja libertado da situação de exclusão, prostração, doença, incapacidade, solidão, dependência, competição e pecado. Ora, a presença de Jesus nas nossas vidas, causa um efeito em nós. Efeito esse que nos leva à plenitude de vida. Numa situação inicial, a nossa atitude ou resposta perante a exclusão é, muitas vezes de desprezo, de sentimento de inutilidade, sofrimento e revolta. Face a exclusão, e de um modo particular, quando somos atingidos pela exclusão vemos-nos muitas vezes, como pessoas cuja vida, já não tem sentido ou perdemos a vontade de viver.

Ora, o texto tem um efeito no leitor. Isto é, o leitor olha para o texto e compreende um efeito nele e nos outros. Certo que causa uma resposta. Resposta que, como acabamos de elencar, é, muitas vezes, de revolta, de sentir-se inútil, de sofrimento e de desprezo. Tanto assim que algumas vezes o leitor olha para a sua própria, e para a vida dos outros, e nota que ainda não acolhemos a palavra, não reconhecemos Jesus, tal como o parálítico que depois de ser curado não reconhece Jesus (Jo 5,13).

A exclusão nos dias de hoje é ainda um grande problema. Não só porque estamos doentes, talvez como o parálítico do nosso texto, como também podemos ser excluídos porque não produzimos. E o mundo hoje exige pessoas que produzem e que sejam úteis para a sociedade. Talvez a pergunta seria a seguinte: “somos excluídos hoje?”. A resposta seria: sim, somos. Somos excluídos de várias maneiras no mundo de hoje. Trata-se de uma realidade do nosso tempo.

O nosso tempo é caracterizado por mudanças cada vez mais rápidas e profundas em todos os campos e em todos os aspetos da vida. O conhecimento torna-se obsoleto cada vez mais depressa. Os padrões técnicos são revolucionados em ciclos cada vez mais rápidos. Também as estruturas sociais, que no tempo dos nossos pais ainda pareciam fixas, caem em dissolução. No entanto, no meio de todas estas mudanças também existem coisas inalteráveis, que permanecem no meio de toda a transitoriedade. Existem, por isso, valores que se mantêm: os valores da fé também ainda são válidos atualmente: fé, esperança e amor. Assim como a convicção de que a dignidade do ser humano é inviolável e intemporal.

Portanto, diante de tudo que acabamos de ver, o texto nos faz ver mais uma vez que precisamos de reconhecer Jesus como o Filho de Deus, e que é preciso acolher a sua palavra. É preciso manifestar a vontade de ser curado quando estamos doentes. Temos aqui uma história que fala sobre a misericórdia de Deus, que se manifesta mais uma vez no homem que estava doente durante trinta e oito anos. Olhando para história, dá-nos a entender que muitos desistiram. Mas o paralítico estava aí à espera, aguardando uma oportunidade, esperando que a misericórdia de Deus o encontrasse algum dia.

Com este ponto de partida, no essencial o autor pretende não apenas identificar realidades que potenciem processos de exclusão e de perpetuação dessa mesma situação como, ao mesmo tempo, prepara e convoca o leitor a uma atitude diferente em vista da sua inclusão ou melhor do seu renascimento a partir da palavra de Jesus.

#### **4.3.1- O resultado**

Depois da situação inicial, onde nos é caracterizado o episódio (Jo 5,1-9), agora vamos para o momento central do nosso texto, que é o resultado da cura.

O enfermo de que se trata é realmente um caso desesperado. João indica a larga duração da enfermidade “Trinta e oito anos enfermo”, a fim de destacar o caráter milagroso da cura. Assim será para o cego de nascença (Jo 9,1-20) e para Lázaro, sepultado há quatro dias (Jo 11). “O paralítico não suspeita nada. Ao contrário de Mc 2,1 (o paralítico de Cafarnaum), Jesus toma aqui a iniciativa, com “conhecimento” de causa”<sup>10</sup>. Humanamente falando, o homem aguardava a cura com esperança. Jesus aproveitará precisamente esta circunstância para se revelar. A pergunta ao paralítico é

---

<sup>10</sup>Cf. Ginôskain: conhecimento divino ou humano das coisas que sucedem em torno a fé: Jo 2, 24-25; 4, 1; 5, 42; 6, 15; 10, 14-15; 16, 19.

uma interpelação. Jesus não a formula para animar o homem ou para o ajudar a superar o seu compreensível desespero, mas para ouvir da boca do parálítico a clara afirmação do seu estado de desespero.

É aí que chega ao parálítico inesperadamente a palavra poderosa de Jesus: “Levanta-te, toma o teu leito e caminha” (Jo 5,8). Exatamente como em Mc 2,9, João conserva a palavra vulgar do grego popular “leito”, enquanto que Mt e Lc empregam um termo mais rebuscado. Ora, “a palavra de Jesus surte um efeito imediato”.<sup>11</sup> Esse resultado imediato faz parte da trama do resultado dos milagres de João (Jo 6,21). Jesus sendo modelo de identificação para todos, tem um propósito em relação ao parálítico, que é dar a vida gratuitamente. Mas o parálítico, que também é modelo de identificação para todos, mostra o contrário depois da cura. Ele vai e não reconhece Jesus e nem agradece a Jesus.

Certo que este homem, até certo ponto, é um modelo de identificação de forma negativa. Podemos ver nele, um modelo de cristão que se aproxima só de Jesus para pedir e mais nada. No entanto, este cristão não recebe a vida e também não a dá, porque não a recebeu. E depois de ter o que pediu, vai embora e não agradece a quem lhe ofereceu o pedido. Nesse sentido, é um modelo negativo ou insuficiente porque não representa um modelo perfeito de uma pessoa curada. Certamente que poderíamos levantar enormes questões no que tange a esse respeito do não agradecimento: será que sabemos agradecer? Quem somos nós depois de uma cura? Para onde vamos depois da cura? Teríamos levantado uma serie de questões, que não teriam fim. A cura que nos referimos, pode ser uma cura espiritual, uma cura de doença física etc. Mas o certo é que muitas vezes somos assim depois de se realizar uma cura em nossas vidas. Não sabemos agradecer, não queremos saber quem é que nos curou, etc.

A falta de espiritualidade nos dias de hoje pode muito bem justificar esse comportamento. A nova busca de espiritualidade, a fome profunda de espiritualidade, pode desembocar num comportamento desvairado a nível espiritual. É um dos sinais do nosso tempo. Porém, nem todas as pessoas que encontram uma forma satisfatória de espiritualidade pela qual possa reger a sua vida. Algumas encontram-na, mas o número é um sinal de fome generalizada de espiritualidade, a busca de espiritualidade, a necessidade de espiritualidade sentida pelas pessoas. Poder-se-ia argumentar que todos os seres humanos precisam, e sempre precisaram, de espiritualidade. O que hoje está a

---

<sup>11</sup> Cf. Jo 4,53; 11, 43-44; uma sentença parecida em 9, 7. 11; Mt 23, 23.

acontecer é que muito mais pessoas estão a tomar profunda consciência da sua necessidade de espiritualidade.

Esta necessidade ou fome é experimentada de muitas e diversas formas. Alguns experimentam-na como a necessidade de alguma coisa que lhes transmita força interior para aguentar a vida ou paz de espírito e libertação dos sentimentos de medo e ansiedade. Outros experimentam-na quando se sentem ir abaixo e necessitam de alguma coisa maior do que eles que os mantenha de pé. Há ainda o sentir-se magoado, quebrado e com necessidade de cura. Muitos, ao que parece, sentem-se separados e isolados das outras pessoas e da natureza. Portanto, alguns sentem, muito simplesmente, fome de espiritualidade como um anseio por Deus.

Também é de salientar, como vimos no versículo nono, que “o homem ficou curado, pegou no seu leito e começou a andar” (Jo 5,9). Já falamos desta questão na semântica, mas é importante voltar a referenciar na pragmática, porque tem sua importância. Como já fizemos referência atrás, Jesus não o “chama” para ser seu discípulo mas simplesmente o fez homem, que já libertado, deve encontrar a sua própria vida. Com esta nota, podemos ver aqui um certo pormenor que é muito importante para todo aquele que já foi curado por Jesus. Podemos ser curados por Jesus e não ser seu discípulo como aqueles que ele chamou pelo nome e os chamados seguiam. O certo é que quem já experienciou o amor de Deus, sabe que pode segui-lo de outra maneira. Pode segui-lo anunciando a sua palavra onde se encontra, isto é, sua terra, lugar de trabalho etc. O importante é acolher a palavra e pô-la em prática. Nesse sentido temos um modelo de identificação positivo, que é o paralítico.

O “homem ficou curado, pegou no seu leito e começou a andar” (Jo 5,9). Importante salientar que era sábado naquele dia. Vemos que o autor foca a nossa atenção o sábado e num grupo de judeus. Porém, estes judeus, sem atenderem aos muitos doentes deitados à porta do templo, reprovam um deles, o que tinha sido curado, por trazer o seu leito em dia de sábado (Jo 5,10). Na realidade, aqueles judeus e o homem curado por Jesus desconheciam a origem e o poder da palavra que vivifica a Lei, que cumpre o Sábado e que se aproxima deles (Jo 9,13).

De facto, após um curto diálogo e sem exigir nenhum ato de fé, Jesus pronuncia uma palavra soberanamente eficaz que devolve naquele instante a saúde ao paralítico. João quer manifestar “o poder absoluto” de Jesus. Durante o diálogo, era claro que o paralítico manifestava o “desejo” de ser curado, só que não tinha a força de poder chegar à piscina para curar sua enfermidade, e por isso diz “Senhor...” (Jo 5,6).

De assinalar que o “desejo” é uma nota importante para todo doente, principalmente àqueles que se encontram numa situação deprimente ou desesperada, isto é, o desejo de ficar curado. E olhando para o episódio da cura do paraplético é obvio que Jesus via no coraçaõ do paraplético o “desejo” de ser curado. Ele deseja mas não tem ninguém que o lance na piscina, daí que o seu diálogo com Jesus é de quase de desespero. Mas o desejo imperativo de Jesus realiza-se e domina a açã, mesmo se aquele que estivera paralisado não sabe quem disse “toma o teu leito e caminha” (Jo 5,9).

No entanto, as obras de Deus feitas por Jesus revelam-no como Filho. Eis o fundo da revelaçaõ, Unidade de açã, unidade de ser entre o Pai e o Filho. O Filho partilha plenamente o poder de vida que o Pai possui: “Assim como o Pai ressuscita mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida àquele que quer” (Jo 5,21). O Filho é um com o Pai. Quem vê as suas obras, vê o Pai. “É o Pai que está em Mim que faz as Suas próprias obras. Acreditai que estou no Pai e o Pai em Mim” (Jo 14, 10-11). Ver os sinais, significa chegar a reconhecer isso na fé.

Perante as obras que Jesus faz, o homem tem que decidir. Para Ele trata-se de uma questão de vida ou morte (luz e trevas): “aquele que escuta a Minha palavra e crê naquele que Me enviou, tem a vida eterna; não será julgado, mas passou da morte à vida” (Jo 5,24). Depois de ter perguntado ao paraplético se queria ficar curado, Jesus resume bem o seu papel de julgamento, de “discernimento”, pôr em questão como dizem as traduções atuais: “Eu vim a este mundo para pôr em questão, a fim de que aqueles que não vêm vejam, e os que vêm sejam cegos” (Jo 9,39). Advertem-se, nestas duas últimas citações, duas imagens bastante sugestivas: passa-se da morte à vida, da cegueira à luz.

Efetivamente que os sinais preparavam para a compreensão do mistério estranho da cruz em que da morte surge a vida. Aí se decidia a aliança misteriosa entre Jesus e o Pai, sem a atração do qual não há fé em Jesus, nem homens em estado de decisão livre.

Assim, a todo aquele que se apresentar será feita, por ocasião dos sinais, a mesma pergunta que foi feita ao cego de nascença: “crês no Filho do homem?”. Assim continuará a manifestar-se o grande amor de Deus por nós, ele que “enviou o seu único Filho ao mundo a fim de que vivamos para Ele” (I Jo 4,9). Afinal para onde nos leva o texto? O texto aponta-nos um caminho que é para seguir. O autor quer nos comunicar uma mensagem que é importante, sem dúvida é a mensagem de vida. Jesus nos quer dar

a vida gratuitamente. E por fim temos o paralítico que se identifica com o povo ou a multidão que somos todos nós.

Em suma, a cura do paralítico, tem um efeito no leitor. Leva-o a olhar para a sua vida, a questionar-se acerca da sua conduta enquanto for peregrino nesta terra. É de lembrar que Deus não lhe deseja a doença nem o sofrimento, porque é perfeito, é a perfeição, é saúde. Aquilo que Jesus estava decidido a destruir era o sofrimento: os sofrimentos dos pobres, dos oprimidos, dos doentes e das vítimas de catástrofes. A vontade do Pai é a saúde. E para alcançar a saúde do corpo torna-se necessário alcançar antes a saúde da mente, estabelecer na sua mente pensamentos positivos e não só, como também é importante receber a vida em plenitude.

## Conclusão

Observando os aspetos analisados no texto canónico Jo 5,1-9, que foi a perícopé de estudo durante o nosso trabalho, somos chamados a refletir de maneira cautelosa a nossa vida, concretamente neste mundo em que vivemos.

O paralítico é curado pelo poder da palavra de Jesus e recupera a saúde (Jo 5,9). É fácil notar que não usa comprimidos ou injeções para tirar a dor ou a doença, que o homem carregava durante trinta e oito anos, mas sim usa-se o poder da palavra. Até porque não é este o método (comprimidos, injeções...etc), que tratamos ao longo do nosso trabalho, mas sim de um homem que estava paralítico durante trinta e oito anos e desejava ser curado.

O autor no quarto Evangelho continua dizendo que o Logos veio para os seus e os seus não o receberam (Jo 1,11), evidenciando: o acolhimento do Logos como a resposta vital do seu testemunho; o facto de o mundo e de o povo não terem acolhido o Logos (Jo 1,18ss).

Como recorda Cirilo de Alexandria, “era necessário que a humanidade fosse salva. A humanidade, ao desobedecer a Deus, tornou-se insuficiente no espírito que a torna vivente (Gn 2,7) e destinou-se a ser da terra e em vista da terra (Gn 3,19)”<sup>12</sup>.

Em Jesus (o verdadeiro homem e o Logos feito carne), encontra-se o médico e o doente, a vida e a morte; e o médico, Jesus, venceu a doença, curando-a; a vida, em Jesus, venceu a morte, ressuscitando-a. O filho de Deus salvou o homem, chamando-o para Deus, libertando-o assim de ser da terra e em vista da terra. Nesse sentido, no quarto Evangelho, o poder do Logos é revelado através de diversas realidades: luz (Jo 1,4ss), pessoas, grupos e instituições de Israel (Jo 1,19ss), palavras dos discípulos de João (Jo 8,25ss), dos discípulos de Jesus (Jo 13,36ss), da multidão (Jo 7,40), palavras (Jo 4,46ss), sinais (Jo 5,1ss) e gestos de Jesus (Jo 11,41). Porém, entre estas e outras

---

<sup>12</sup> D´ALMEIDA, Corrêa Bernardo - *A vida numa palavra - uma nova leitura do Evangelho de S. João*. Pág. 40.

mediações onde o poder do Logos se revela, nenhuma se iguala ao fato de o Logos encarnar em Jesus.

Jesus está no meio do povo (Jo 5,1) e revela a imagem do Pai, começa também por revelar a situação do povo e o sentido último do sábado (Jo 5,1-18). Jesus mostra-se como o pão da vida (Jo 6,1-7) declara que Nele se realizam as principais mediações dadas por Deus ao povo (Jo 7,1-8,58). Ele (Jesus) vem libertar-nos de muitas coisas terrenas que nos impedem chegar até Deus.

A pergunta que Jesus faz ao parálítico; “queres ficar curado?” (Jo 5,6). Poderíamos inverter esta pergunta a nós próprios da seguinte maneira: “quero ficar curado?”. Se no mais recôndito de nosso coração estamos contentes sendo como somos, não pode haver nenhuma mudança. O desejo das coisas superiores deve inflamar os nossos corações.

Portanto, o terceiro sinal (Jo 5 1-9), em que o parálítico caracteriza a situação do povo e também dá início à grande revelação de Jesus, mostra mais uma vez, que a misericórdia de Jesus é para todos os que apresentam a Ele a atitude de arrependimento e vontade de curar-se de várias doenças. Ora, terminando o nosso trabalho, temos tudo em aberto. Nada está concluído.

## Bibliografia

### WEBSITE

- ❖ <http://biblehubs.com>. Com

### OBRAS:

- ❖ ALDAY, C. Salvador - *El Evangelio según San Juan: El Evangelio del Camino, de la Verdad y de la Vida*, Verbo Divino, Navarra, 2010.
- ❖ BARRET, Chaeles Kingsley – *el evangelio según san Juan: una intrucción com comentário y notas a partir del texto griego*, ediciones cristiandad, Madrid, 2003.
- ❖ BARRETO, Juan-MATEOS, Juan - *El Evangelio de Juan: Analisis linguistico y comentario exegetico*, 3ª ed, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1992.
- ❖ BARRETO, Juan-MATEOS, Juan - *O Evangelho de São João: Análise linguística e comentário exigético*, Paulinas, São Paulo, 1989.
- ❖ BROWN, Raymond E – *el evangelio y las cartas de Juan*, desclée de brouwer, Bilbao 2010.
- ❖ BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard - *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*. Ed, Salamanca, 1996.
- ❖ BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard - *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*. Vol. II. Ed, Salamanca, 1998.
- ❖ BORN, A. Van Den – *Diccionario Enciclopédico da Bíblia*. 2ª ed. vozes, lisboa, Porto, 1977.
- ❖ CORRÊA d’Almeida Bernardo - *A vida numa palavra” Uma nova leitura do Evangelho de S. João*. Editora Universidade Católica. Porto 2012.
- ❖ DEN BUSSCHE, V. Henri - *El Evangelio segun San Juan*, Studium Ediciones, Madrid, 1972.
- ❖ LÉON-DUFOUR, Xavier- *Lectura del Evangelio de Juan (Jn 5-12)*, Vol. II, 3ª ed, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2000.
- ❖ LOURENÇO, Frederico - *Bíblia Novo Testamento: os Quatro Evangelhos*. Ed, Quetzal, Lisboa - Portugal, 2016.
- ❖ PEREIRA, Isidro S.j – *Diccionario Grego-Portugues e Portugues – grego*. 7ed. Livraria apostolado da imprensa, Braga, Portugal. 1998

- ❖ MORA, Paz C; GRILLI, M; DILMANN - *Lectura Pragmalingüística de la Biblia: Teoría y aplicación*. Ed, Verbo Divino, Navarra, 1999.
- ❖ NOLAN, Albert- *Jesus Hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. 2ª Ed, Paulinas, Prior Velho, 2009.
- ❖ SCHNACKENBURG, Rudolf – *el evangelio según san Juan: versión y comentario; intruducción y capítulos 1-4*. Editorial helder, Barcelona 1980.
- ❖ SCHNACKENBURG, Rudolf – *el evangelio según san Juan: IIº versión y comentario, intruducción y capítulos 5-12. 2º vol. editorial helder, Barcelona 1980*.
- ❖ SCHNACKENBURG, Rudolf – *el evangelio según san Juan: IIIº versión y comentario e indices, intruducción y capítulos 13 - 21. 3º vol. editorial helder, Barcelona 1980*.

## **ÍNDICE**

Resumo

Abstract

Siglário-----5

Introdução-----7

## **CAPÍTULO - I**

Estudo prévio-----8

Texto Grego----- 8

Tradução do texto-----8

Contexto imediato-----9

Estrutura do texto-----10

Ambiente da ação: Jo 5,1-5- -----11

Desenrolar da ação: Jo 5,5-8- -----11

Resultado da ação: Jo 5,9-----12

A cura do paralítico à luz da obra Joanina-----13

Estrutura basilar do quarto Evangelho-----14

Os Sete Sinais -----14

## **CAPÍTULO - II**

Análise Sintática-----17

Léxico vocabulário-----17

Formas textuais dominantes-----23

### **CAPÍTULO - III**

Análise Semântica-----	26
Jo 5,1-Depois destas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém---	26
Jo 5,2- Em Jerusalém, junto à porta das ovelhas, existe uma piscina chamada, em hebraico, Betesda, que tem cinco pórticos-----	28
Jo 5, 3- Nestes, jazia uma multidão de doentes, cegos, coxos e parálíticos. -----	29
Jo 5,5- Estava ali um homem, doente há trinta e oito anos. -----	29
Jo 5, 6- Jesus vendo-o prostrado e sabendo que já assim estava há muito tempo, perguntou-lhe: “Queres ficar curado? -----	31
Jo 5, 7- O doente respondeu-lhe: “Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina, quando a água é agitada; e, quando eu vou, outro desce antes de mim”. -----	32
Jo 5, 8- O Senhor disse-lhe: “Levanta-te, toma o teu leito e caminha”. -----	34
Jo 5, 9- Imediatamente, o homem ficou curado, pegou no seu leito e começou a andar--- -----	35

### **CAPÍTULO IV**

Análise pragmática-----	37
Estratégia de João-----	38
Encontro de Jesus com um parálítico-----	39
Situação inicial-----	39
Resultado-----	41
Conclusão-----	46
Bibliografia-----	48
Índice-----	51